

## **Desdobramentos do uso de fontes científicas no jornalismo especializado em saúde<sup>1</sup>**

Silvana Schultze<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

O trabalho levanta aspectos do jornalismo baseado em fontes científicas da área de saúde, refletindo sobre os resultados da combinação de três fatores: (1) o interesse crescente da sociedade em pesquisas científicas desenvolvidas na área de saúde, em função do aumento da expectativa de vida; (2) a disseminação de canais de acesso virtual e gratuito a pesquisas científicas e (3) a ausência de metodologia específica para o Jornalismo Científico. Considera divergências das práticas jornalística e científica, sobretudo no que diz respeito à adaptação do texto científico ao público não acadêmico, e conclui ser necessário o desenvolvimento de metodologias específicas para o jornalismo científico, em especial na área de saúde.

### **Palavras-chave**

Jornalismo Científico; Comunicação em Saúde; Jornalismo Especializado; Divulgação Científica; Comunicação Científica.

### **Introdução**

Com o aumento da expectativa de vida, cresce também o interesse em se viver com saúde, de modo a desfrutar da melhor maneira possível os cada vez mais longos anos de vida. A comunidade científica vem trabalhando intensamente nesse sentido, sobretudo nos países que apresentam média trienal do Produto Interno Bruto (PIB) de menos de US\$ 750 per capita, critério estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) para caracterizar países de baixa renda: dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 05 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da USP, e-mail: silvanaschultze@usp.br

apontam que as pesquisas científicas na área de saúde crescem cerca de 5% ao ano nesses países, aumento que fica ainda mais evidente nos países de economia emergente, caracterizados pela diminuição das desigualdades sociais – mesmo quando essa ocorre lentamente –, pela estabilização da economia, pela inclusão digital e pelo PIB em crescimento, entre outros indicativos (BIREME, OPAS, OMS, 2013).

Esses números representam além dos investimentos em pesquisas voltadas ao tratamento e cura de doenças crônicas, os valores destinados às pesquisas direcionadas ao tratamento de deficiências, uma vez que o aumento da expectativa de vida acarreta um efeito secundário: à medida que as pessoas vivem mais tempo, aumenta também o contingente de indivíduos que, ao longo da vida, adquirem ou desenvolvem algum tipo de doença ou deficiência. De acordo com os números do Censo Demográfico de 2010, mais de 45 milhões de brasileiros declararam possuir alguma deficiência, o que corresponde a 23,9% da população brasileira (IBGE, 2012). No mundo todo, estima-se que cerca de 10% da população, ou aproximadamente 650 milhões de pessoas, vivem com alguma deficiência (ONU, 2014).

Ao mesmo tempo em que aumentam as pesquisas em saúde, aumenta o acesso da sociedade aos seus resultados, por meio da inclusão digital e do desenvolvimento e difusão de bibliotecas virtuais em saúde ao alcance do grande público e de profissionais de comunicação, inclusive gratuitamente (referências).

Essa base de dados de artigos científicos vem sendo explorada pela imprensa brasileira (referências).

O rigor esperado da comunidade científica transmite credibilidade ao público, e ao utilizar pesquisas científicas como fonte, os veículos de comunicação incorporam essa credibilidade à notícia. Durante o processo de adequação do texto científico para o público não-especializado, entretanto, podem ocorrer lapsos, e a pior consequência desses lapsos, na área de saúde, é expor ao risco a vida do paciente-leitor.

O interesse público por pesquisas na área de saúde é legítimo e mantém o ciclo de busca permanente por informação, ciclo este identificado e classificado por Jurberg (2010) como em constante crescimento, na mesma medida em que os indivíduos envelhecem e são estimulados a procurar por novos dados. A imprensa desempenha um papel importante nesse processo, e a divulgação científica na área de saúde ganhou novo fôlego com a difusão e popularização de novas tecnologias.

As redes sociais vêm desempenhando um papel importante na disseminação de notícias na área de saúde, em função de seu caráter pessoal: uma vez que as pessoas interligadas têm informações a respeito da vida privada uma da outra, além de possuírem interesses em comum, inserir uma notícia nas redes aumenta significativamente as chances de que essa notícia alcance um número maior de pessoas diretamente interessadas no tema, por meio de compartilhamentos.

### **Novas tecnologias e difusão de notícias sobre saúde**

Além das redes sociais, as plataformas para publicações eletrônicas representam um significativo canal para difusão de notícias sobre saúde. O alto grau de usabilidade destas ferramentas, que permite o seu uso sem necessidade de treinamentos ou formação específica, aliado ao baixo custo – muitas delas são gratuitas – e a possibilidade de interação levaram à proliferação de iniciativas pessoais, principalmente no formato de blogs e sites sem vínculos institucionais.

Tais iniciativas muitas vezes nascem após uma experiência pessoal do autor com o tema, e não necessariamente são desenvolvidas por profissionais da área de comunicação. Têm como objetivo principal o compartilhamento de experiências e informações sobre uma determinada doença ou deficiência, e seus autores utilizam com frequência bibliotecas eletrônicas da área de saúde como fonte de pesquisa para a criação de conteúdo.

A transformação de um artigo científico, dissertação ou tese, em texto para o público não especializado implica em interpretação, por parte do autor do novo texto, e nem sempre esse autor tem conhecimento prévio sobre o assunto abordado ou a oportunidade de checar a fonte original da pesquisa. Logo, essa interpretação pode ser errônea e causar ansiedade no público; se os resultados são apresentados com excesso de negatividade ou positividade, corre-se o risco, por exemplo, que pacientes abandonem ou insistam pela adoção de tratamentos e medicamentos, sem orientação ou aval médico.

A ciência, por estar em constante evolução, é fortemente beneficiada pela divulgação científica, à medida que esta estimula o debate, dentro e fora da comunidade acadêmica, e o diálogo com a sociedade. Este debate, entretanto, corre o risco de ser deixado de lado quando os resultados de uma pesquisa científica são apresentados como uma verdade absoluta e definitiva, seja por ausência de julgamento crítico por parte do texto ou porque esse mesmo autor tem como objetivo principal atender a políticas editoriais e comerciais

que visam exclusivamente ao aumento da audiência e do impacto da notícia dentre o público.

Luiz (2007) destaca que, em função do caráter aparentemente neutro e objetivo do discurso científico, a ciência repercute nos meios de comunicação como um campo privilegiado de conhecimento, capaz de produzir verdades. O Autor ressalta que o caráter parcial dos estudos científicos, em conjunto com a dinâmica da própria mídia de busca constante por novidades e por formulações de mensagens rapidamente compreensíveis, oculta a complexidade e a polêmica inerentes à produção de pesquisas científicas, além de enfatizar determinados aspectos em detrimento de outros, resultando em notícias articuladas ao universo simbólico da sociedade.

Camargo Jr. (2009), por sua vez, afirma que a indústria de publicações pode estar sujeita a desequilíbrios e abusos de poder semelhantes aos verificados no complexo médico-industrial. Esses desequilíbrios, afirma o Autor, seriam resultantes do controle da produção e difusão do conhecimento em saúde por interesses comerciais privados.

Tais desequilíbrios não ficam evidentes no produto final da indústria de publicações científicas. Esse produto final corresponde aos artigos científicos, os mesmos que serão submetidos para avaliação e eventual publicação em periódicos científicos indexados em bases de dados que, por sua vez, integrarão as bibliotecas eletrônicas às quais o grande público e profissionais de comunicação passam a ter acesso por meio da política de acesso aberto.

### **Pesquisa científica em saúde e mídia**

Os releases produzidos por periódicos científicos a respeito de pesquisas publicadas, e divulgados à imprensa, desempenham um papel importante na divulgação da ciência. Bartlett et al (2002) monitoraram, durante dois anos, as pesquisas científicas publicadas em dois periódicos científicos britânicos que geraram releases divulgados à imprensa, verificando quais desses releases resultaram em matérias jornalísticas publicadas nos dois maiores jornais britânicos direcionados ao grande público, e observaram que: (1) todas as pesquisas científicas divulgadas pela mídia haviam gerado releases; (2) nenhuma matéria foi produzida com base em pesquisas científicas que não haviam gerado release divulgado à

mídia; (3) pesquisas científicas publicadas por pesquisadores de países em desenvolvimento receberam pouca atenção tanto na seleção de editores para produção de releases direcionados à imprensa quanto na seleção de jornalistas para produção de matérias; (4) tanto editores de periódicos científicos quanto jornalistas deram preferência a pesquisas produzidas para produção de releases e matérias; (5) embora os periódicos científicos tenham produzido um número equivalente de releases sobre boas e más notícias, jornalistas deram preferência às pesquisas científicas cujos resultados permitiam a elaboração de más notícias, expressando uma das máximas populares do jornalismo traduzidas pela frase “Notícia boa é notícia ruim”; (6) pesquisas sobre saúde da mulher, reprodução e câncer receberam maior cobertura, tanto na forma de releases quanto de matérias jornalísticas; e (6) jornalistas deram preferência a pesquisas científicas que haviam seguido métodos observacionais.

Com base nesses resultados, Bartlett et al (2002) concluem que existem dois momentos de seleção de pesquisas científicas para divulgação: o dos editores dos periódicos científicos, realizado em primeiro lugar, no momento da seleção de pesquisas científicas que gerarão releases, e o dos jornalistas, que ocorre num segundo momento. Ainda que os Autores apontem essa segunda seleção como mais seletiva e rigorosa, é importante ressaltar que tanto os critérios de seleção quando o conceito de rigor seguidos pela imprensa são distintos dos adotados pela comunidade científica, uma vez que jornalistas são orientados, além de suas próprias ética e formação profissionais, pela política editorial e de mercado nos quais o veículo empregador está inserido.

Assim como a indústria de publicações, a indústria farmacêutica representa um fator de peso no campo de pesquisas em saúde. Uma descoberta científica no campo da medicina exige uma escala de recursos humanos e econômicos que somente algumas instituições podem arcar, entre elas as indústrias farmacêuticas, que na mesma medida em que são importantes no processo de investigação científica, têm claro interesse em conquistar médicos que prescreverão os medicamentos desenvolvidos a partir das pesquisas científicas para as quais essas indústrias contribuíram financeiramente (CAMARGO JR., 2009).

Nesse contexto, sobressaem dúvidas sobre o alcance da influência destas duas indústrias – de publicações e farmacêutica – no campo da pesquisa científica em saúde, assim como até que ponto tal influência é levada em consideração pelos profissionais de comunicação nos

momentos de levantamento de fontes e seleção de pesquisas científicas em saúde para elaboração de matérias direcionadas ao público não-especializado.

Castiel (2003) apresenta a informação em saúde veiculada pela imprensa como ambígua, uma vez que as notícias, de modo geral, apresentam uma representação otimista dos avanços biotecnológicos ao mesmo tempo em que apresentam a descoberta de novos riscos em relação a esses avanços.

As rotinas de trabalho de jornalistas e cientistas são essencialmente distintas, e o fator tempo é decisivo para essa distinção. Enquanto a redação de um artigo científico dura um longo período, proporcional à complexidade da metodologia utilizada na pesquisa e à análise dos resultados, entre outros elementos, uma matéria jornalística, mesmo que de teor científico, é feita em períodos radicalmente curtos: horas ou dias, estendendo-se no máximo por poucos meses.

A falta de diversidade de fontes é uma questão crítica no jornalismo, pois é exatamente a diversidade que permite a contraposição de ideias, sobretudo quando o jornalista não domina o assunto abordado e depende de informações iniciais do entrevistado para descobrir como aprofundar seus estudos no assunto. A rotina de trabalho nem sempre permite esse aprofundamento, e a possibilidade de respaldar uma matéria em um único, porém sólido, currículo acadêmico, é atraente para profissionais de jornalismo com pouco tempo e prazos a cumprir. Essa análise é reforçada por Fioravanti (2013), que observa que os entrevistados em jornalismo científico, de modo geral, são somente os próprios cientistas que divulgaram os resultados da pesquisa.

Além disso, o artigo científico é fruto de experimentos bem ou mal-sucedidos, de reflexões e de debates do autor, ou autores, com seus pares, todos eles detentores de conhecimento prévio sobre o tema abordado. No âmbito jornalístico, entretanto, o texto não será elaborado por um profissional com o mesmo grau de conhecimento, e que além de não ter familiaridade com a abordagem e metodologia científicas, não tem tempo ou acesso a especialistas no assunto, que poderiam cumprir a função de questionar e avaliar o conteúdo do artigo científico.

Como modalidade de jornalismo especializado, o jornalismo científico em saúde aborda a produção de conhecimento científicos e suas aplicações, e conforme ressalta Luiz (2007), influencia o campo científico. A influência da mídia sobre a ciência é ilustrada por estudo de Phillips et al (1991), que, ao comparar pesquisas científicas divulgadas em jornal norte-

americano de grande circulação com pesquisas similares que não foram divulgadas pela mídia, observou que o número de citações das pesquisas divulgadas foi desproporcionalmente maior, ao longo dos dez anos seguintes à publicação do jornal, do que as citações geradas pelas pesquisas científicas similares não divulgadas pela mídia.

A mídia também exerce poder sobre o imaginário do público, e ainda que Bartlet et al (2002) defendam que as notícias veiculadas pelos meios de comunicação direcionados ao grande público não representam o conjunto da pesquisa médica, Camargo Jr. (2009) classifica a difusão do conceito de que na medicina mudanças importantes acontecem freqüentemente como uma efetiva ferramenta de marketing, utilizada tanto pela indústria farmacêutica quanto pela indústria de publicações. Sendo assim, o Autor sugere que a produção e distribuição do conhecimento sejam elaboradas como um componente estratégico da saúde pública (CAMARGO JR., 2009).

### **Linguagens científica e jornalística**

Transformar um texto científico em matéria jornalística exige a adequação da linguagem, originalmente voltada à comunidade científica, a uma linguagem compreensível pelo público mais amplo. Assim, além de supressões e substituições de palavras, o texto é reduzido e, principalmente, tem sua estrutura invertida, de forma a dar ênfase aos resultados.

Cunha (2008) reforça que o texto jornalístico pode apresentar em sua abertura (lide) os resultados de uma pesquisa antes mesmo de apresentar a pesquisa em si, de acordo com a técnica da pirâmide invertida, na qual as informações mais importantes são dadas no início do texto e as demais, em hierarquização decrescente, em seguida. A hierarquização de importância das informações, reforça o Autor, é, sem dúvida, um juízo de valor que envolve subjetividade.

Pesquisas científicas utilizam terminologias que, ainda que sejam de uso corriqueiro, adquirem determinados significados de acordo com os procedimentos metodológicos utilizados, com os quais o grande público não está familiarizado. Por sua vez, a grande imprensa restringe o espaço dado a explicações dessa natureza, seja por questões mercadológicas ou normativas.

O emprego da palavra risco merece destaque de Luiz (2007), que afirma haver, em notícias sobre saúde baseadas em pesquisas científicas, a atribuição de uma dimensão maior à associação entre hábitos comportamentais e a ocorrência das doenças. Essa prática, enfatiza o Autor, ressalta ainda mais os aspectos individuais da abordagem epidemiológica em detrimento do enfoque coletivo, e está relacionada aos fatos de o risco em saúde ser apresentado nas pesquisas científicas como uma “caixa preta” (destaque do Autor), e de as controvérsias científicas estarem ocultas nas notícias.

As diferenças de abordagem entre os textos jornalístico e científico ficam evidente em notícias relacionadas a temas considerados polêmicos pela comunidade científica. Luiz (2007) descreve as abordagens científica e jornalística do tema reposição hormonal, tomando por base dois jornais brasileiros de grande circulação e quatro periódicos científicos internacionais de reconhecida relevância no campo da medicina: os textos científicos analisados evidenciavam a polêmica, procurando, entre outras práticas, recorrer a outras publicações científicas para embasar os argumentos, dialogar com afirmações anteriores e discutir procedimentos metodológicos; os textos jornalísticos, por sua vez, resolveram por sua própria conta a polêmica, assumindo como verdadeiro um dos pontos de vista em disputa, mesmo que ainda não validado pela comunidade científica.

Tal prática pode resultar em desconfortos entre a comunidade científica e a classe jornalística, agravado pelo freqüente recurso à “fala do outro”, no caso o próprio cientista, para conferir credibilidade à notícia. Esse recurso é evidente em textos pontuados por frases como “Segundo o pesquisador”. Tais frases isentam o autor do texto jornalístico de críticas por supostos julgamentos de valores, ao mesmo tempo em que transmitem ao público a impressão de que a notícia foi apurada com o próprio pesquisador. Nem sempre, porém, a rotina de trabalho permite essa prática, e muitas vezes o pesquisador desconhece a divulgação jornalística, tomando conhecimento dela – e das falas que foram atribuídas a ele – somente após a circulação e repercussão, positiva ou não, da notícia.

Murcott (2009) compara o jornalista científico que não busca uma visão mais aprofundada e crítica das notícias sobre ciência a um sacerdote, uma vez que jornalistas com essa postura tomam a informação de uma autoridade, o cientista, e comunicam-na ao público como se este fosse uma congregação.

## **Metodologia para Jornalismo Científico**



Segundo Rensberger (2009), jornalistas científicos evoluíram bastante, passando ao que ele chamou de líderes de torcida a cães de guarda; apesar disso, acredita o Autor, ainda falta distanciamento e independência para que os relatos sejam abrangentes e imparciais. Fioravanti (2013), por sua vez, ressalta que abordagens metodológicas e propostas de aperfeiçoamento da prática jornalística são raras no campo do jornalismo científico.

A ausência de metodologias estimula hábitos e vícios nas rotinas de trabalho dos profissionais de comunicação que contribuem para a manutenção de um panorama desalentador do jornalismo científico, marcado principalmente pela fragilidade dos vínculos entre jornalistas e cientistas. Essa fragilidade, por sua vez, alimenta um círculo vicioso no qual jornalistas, por não disporem de uma rede de contatos com cientistas capacitados e dispostos a contribuir criticamente para a elaboração de uma matéria, utilizam como única fonte a mesma que originou a pesquisa, conferindo à publicação uma visão unilateral que afasta cientistas com visões distintas e que poderiam enriquecer o debate sobre o tema.

A impossibilidade ou ausência de hábito de acesso à fonte da pesquisa original agrava as consequências de textos jornalísticos baseados em pesquisas científicas em saúde e elaborados de forma ambígua ou que induza a interpretações errôneas. Luiz (2007), em levantamento de matérias jornalísticas que citavam periódicos científicos de impacto representativo no campo da medicina, publicadas em veículos de grande circulação no Estado de São Paulo, verificou que cerca de 30% dessas matérias não traziam referências, o que impossibilitou localizar as pesquisas fonte.

Ao repetir narrativas e imagens que instituem juízos e modos de reagir diante de dilemas morais gerados pela sociedade contemporânea, o jornalista, em seu papel intrínseco de educador, adota determinadas pedagogias e pode influenciar na eventual adoção de medidas públicas (CASTIEL, 2003).

Com o intuito de modificar esse quadro, Fioravanti (2013) propõe o Enfoque Ampliado do Jornalismo Científico, enfoque este que considera a ciência como um trabalho coletivo e histórico, marcado pela incerteza e pela diversidade de atores, em contraposição ao enfoque clássico predominante, no qual cientistas são vistos de modo isolado e a ciência é considerada um processo linear, desprovido de conflitos internos e previsível. O Enfoque Ampliado, defende o Autor, poderia ajudar os jornalistas a descreverem a ciência de modo

menos otimista, a evitarem os equívocos mais comuns no relato de descobertas científicas, a diversificarem as fontes de informação e a desenharem um quadro mais realista da ciência.

Toby Murcott, correspondente de ciência da British Broadcasting Corporation (BBC), no Reino Unido, vai de encontro a essa proposta ao sugerir que o processo de produção da ciência, normalmente apresentado como algo misterioso, seja aberto, e que os jornalistas que escrevem sobre ciência sejam mais ativos, questionadores e propositivos, de modo semelhante aos jornalistas que escrevem sobre política, que em seu trabalho apontam erros e contradições, participando do debate político com comentários relevantes (FIORAVANTI, 2013).

Partindo da premissa de que informação em saúde divulgada de forma enganosa pode custar vidas, três instituições – Royal Institution of Great Britain, Social Issues Research Centre e The Royal Society – reuniram-se para criar o documento *Pauta para comunicação em ciência e saúde*; em sua introdução, o documento propõe que jornalistas, antes de abordarem os resultados de uma pesquisa científica na área de saúde, imaginem um ente querido próximo como vulnerável à difusão do tópico em foco e se perguntem: “Se esta matéria fosse a única fonte disponível e este meu ente querido tivesse acesso a ela, eu me sentiria confortável com minha caracterização e interpretação do texto? (CASTIEL, 2003).

A Pauta para Comunicação em Saúde destaca pontos relevantes na tarefa de comunicar os resultados de uma pesquisa científica em saúde, diferenciando-os entre jornalistas e profissionais da ciência e saúde. Para jornalistas, ela ressalta a relevância: (1) da credibilidade das fontes; (2) da adequação da metodologia da pesquisa; (3) da existência de resultados e conclusões representativos; (4) da comunicação de riscos; (5) da antecipação do impacto da pesquisa na sociedade; (6) da posição de outros jornalistas especializados e editores sobre o tópico; (7) do papel de outros profissionais de comunicação no trabalho de edição da matéria; (8) da busca de perspectivas diferenciadas de outros especialistas no campo da pesquisa realizada; e (9) da significação dos resultados, expressa em cinco situações básicas: (a) se são resultados preliminares; (b) se discordam do conhecimento hegemônico; (c) se a amostra pesquisada é representativa; (d) se os resultados resumem-se a associação estatística; e (e) se houve generalização de modelos animais para humanos.

Para os profissionais da ciência e de saúde, a Pauta destaca a relevância dos seguintes pontos: (1) convívio com a mídia; (2) credibilidade, traduzida pela disponibilização, aos

profissionais de imprensa, de dados e informações referentes à metodologia, aos resultados e riscos; (3) acurácia, traduzida pelo não-exagero da significação dos resultados e pela aceitação da possibilidade de outras interpretações sobre os resultados e achados, assim como da interferência de aspectos subjetivos nestas interpretações; (4) comunicação de riscos e benefícios; (5) ênfase aos aspectos de biossegurança; e (6) recurso a contestações e demandas de correções no caso de publicação de informações incorretas ou distorcidas (CASTIEL, 2003).

## **Conclusões**

A divulgação científica em saúde pode auxiliar na composição da pauta de um veículo de comunicação, direta ou indiretamente. Diretamente, quando o veículo tem visão ou missão institucional vinculada à divulgação da ciência, ou indiretamente, quando o veículo utiliza centros e instituições de pesquisa e desenvolvimento, repositórios de periódicos científicos ou periódicos científicos como fontes de informações.

A apresentação dos resultados, sobretudo em veículos que visam à audiência como fonte de lucro, avaliação dos resultados de uma pesquisa científica também ocorre de forma diferente: enquanto a comunidade científica reconhece a importância de eventuais resultados negativos, considerando a sua relevância para futuros estudos e também para validação de estudos já realizados, jornalistas tendem a buscar resultados definitivos, que causem impacto imediato no público.

A disseminação da internet e a aplicação de novas tecnologias à divulgação científica fizeram com que o conhecimento científico em saúde ultrapassasse as fronteiras das universidades e instituições de pesquisa.

A seleção dos temas em saúde publicados por veículos de comunicação direcionados a público não-especializado é orientada pela política editorial e, em função do caráter comercial, pela receptividade do público.

Representações, na imprensa, de pesquisas científicas na área de saúde têm sido alvo de estudos e críticas, indicando a necessidade de metodologia específica para Jornalismo Científico em Saúde. De forma a evitar as características apontadas por Cunha (2008), Luiz (2007) e Castiel (2003), sugere-se a elaboração de proposta baseada no Enfoque Ampliado

do Jornalismo Científico (FIORAVANTI, 2013) e em críticas de Rensberger (2009) e Murcott (2009).

Tal proposta visa à preservação do rigor científico e à promoção da harmonia entre os diversos indivíduos envolvidos no processo de divulgação científica, sobretudo entre jornalistas e cientistas. Sugere-se, para que a contribuição dessa metodologia para a ampliação do acesso à informação científica seja efetiva, que ela seja norteada por três princípios fundamentais: (1) a ciência, por estar em constante evolução, produz apenas resultados parciais, mesmo quando tais resultados funcionam como definitivos por um longo período de tempo; (2) ciência e sociedade são positivamente interdependentes, mesmo quando as relações apresentam características negativas; e (3) a interferência das novas tecnologias nos processos de comunicação é irrevogável, e exige que os sujeitos envolvidos nos processos de divulgação científica acompanhem e se adaptem constantemente às novas configurações.

## Referências

Bartlett C, Sterne J, Egger M. What is newsworthy? Longitudinal study of the reporting of medical research in two newspapers. *BMJ* 2002; 325:81-4

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. Public health and the knowledge industry. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, n. 6, Dec. 2009. Available from <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102009000600022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000600022&lng=en&nrm=iso)>. access on 27 Feb. 2014. Epub Dec 18, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009005000076>.

CASTIEL, Luis David. Insegurança, ética e comunicação em saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 2, abr. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102003000200001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000200001&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102003000200001>.

CUNHA, Rodrigo Bastos. Do científico ao jornalístico: análise comparativa de discursos sobre saúde. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 12, n. 24, mar. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832008000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000100015&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832008000100015>.

FIORAVANTI, Carlos Henrique. Um enfoque mais amplo para o Jornalismo Científico. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, São Paulo, v. 36, n. 2, dez. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-58442013000200015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442013000200015&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442013000200015>.

JURBERG, Claudia; VERJOVSKY, Marina. Nunca aos domingos: um estudo sobre a temática do câncer nas emissoras de TV Brasileiras. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 1, jul. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702010000500009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000500009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702010000500009>.

LUIZ, Olinda do Carmo. Jornalismo científico e risco epidemiológico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, jun. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000300022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000300022&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 fev. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000300022>.

Phillips DP, Kanter EJ, Bednarczyk B, Tasdat PL. Importance of the lay press in the transmission of medical knowledge to the scientific community. *N Engl J Med* 1991; 325:1180-3.